

GEOCIÊNCIAS NO PARQUE: NEM TE CONTO!

MARCIELE GOETZKE¹; CELINA BOLIVAR²; LETICIA MARAFON³; SUZANA MORSCH⁴

¹Engenharia Geológica UFPel – marciele.goetzke@outlook.com ²Engenharia Geológica UFPel – celinaengeo2013@gmail.com ³Engenharia Geológica UFPel – leticia_marafon@hotmail.com

⁴Engenharia Geológica UFPel – smorsch@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto Geociências na Escola, já no seu 6º ano de atividade ininterrupta, tem como propostas principais a interação entre a Universidade e a comunidade e o enriquecimento da formação dos estudantes do curso de Engenharia Geológica da UFPel que dele participam. Através do projeto, tem-se realizado inúmeras atividades nas escolas públicas locais, permitindo aos acadêmicos transmitir um pouco do conhecimento científico adquirido de forma lúdica, agradável e acessível, à comunidade estudantil do município de Pelotas. Normalmente essas atividades são desenvolvidas com crianças, a partir da quinta série do ensino fundamental e com adolescentes do ensino médio. Entretanto, foi apresentada uma nova situação: trabalhar com crianças das séries iniciais. Esta possibilidade foi oriunda do convite realizado pelo Departamento de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Qualidade Ambiental, através de uma atividade ao ar livre do projeto Educando no Parque. Para acadêmicos das Ciências Exatas e da Terra constituiu-se em um grande desafio, impensado até pelo fato de que, além da necessidade de conhecimento de didática fundamental, seria imprescindível transformar o conhecimento técnico em assunto divertido e cativante, capaz de prender a atenção das crianças de baixa idade. Então, como transformar um saber tão amplo como o das Geociências, que envolve cálculo, química, física, mineralogia, natureza etc, em conhecimento acessível para crianças? Avaliadas as probabilidades, dentre as atividades normalmente propostas, o sucesso do evento poderia estar extremamente comprometido. A dúvida que pairava sobre os participantes era de quais as chances de crianças tão pequenas demonstrarem interesse especial pelo conhecimento de coisas da terra, do ambiente, e de sua relação com a vida humana, em meio a toda a tecnologia digital disponível e ao alcance de todos. Desafio aceito!

2. DESENVOLVIMENTO

Em tempos de alta tecnologia da informação, quando notícias oriundas do outro lado do mundo são recebidas em tempo real, foram examinadas as diferentes possibilidades de adequar a transferência de conteúdo científico, à idade dos alunos participantes. Sabe-se que, por muito tempo, o conhecimento era transmitido oralmente, geração após geração, hábito este que ainda persiste em algumas culturas. Associando-se esses fatos com as alternativas didáticas presumidas, encontrou-se uma atividade diferente do até então convencional para os autores, junto à natureza e em um local histórico do município. Optou-se por transmitir o saber adquirido na academia através de um conto. Havia sido encontrada a metodologia adequada, das mais primordiais de todas: a formação de um círculo (Fig. 1) e o desenrolar de uma situação, em forma de conto,

aproveitando o ambiente propício, o Parque da Baronesa, diretamente em contato com natureza e vinculado, caprichosamente, à história local. Essa atividade foi realizada para cento e vinte alunos, divididos em quatro grupos e com a participação de professoras e mãe destes alunos, além da equipe responsável pela organização/promoção do Educando no Parque e eventual público visitante do Parque.



Fig. 1. Atividade do Geociências na Escola participando do Projeto Educando no Parque

Baseando-se em um conto de Marciele Goetzke (2017) intitulado “**Berenice e as histórias para dormir**” foi realizada uma adaptação para situações tanto encontradas no Parque da Baronesa como de acontecimentos comuns no cotidiano. O momento e o ambiente eram propícios às atividades de extensão e a troca de informações com os atores envolvidos foi realizada de forma lúdica. Em síntese, o conto original fala de uma menina que não acreditava nas histórias para dormir. Entretanto, no sonho que teve após ouvir uma destas histórias, ela foi a responsável por salvar o reino em que animais e plantas estavam mortos pela devastação e ganância de seu rei, personagem do conto. A partir deste conto foram adaptadas situações que pudessem, de uma forma ou de outra, ser identificadas pelas crianças, no próprio ambiente do parque.

3. RESULTADOS

Decidida a metodologia considerada adequada ao público ao qual estava destinada, desenrolou-se a atividade do Projeto Geociências na Escola, com uma nova roupagem, o Geociências no Parque. Para quatro grupos distintos de crianças foi contada uma história estrategicamente relacionada ao local, como

forma de exaltar uma conotação real ao fato narrado. Da grande expectativa dos integrantes do projeto, adveio um resultado surpreendente, acima do sequer cogitado. O objetivo de prender a atenção do público alvo foi alcançado. A participação e o envolvimento, naturalmente variável de criança para criança, respeitadas as características individuais de cada um, foi notadamente obtido. Ao final, quando questionados e instados a observar, no local indicado, um determinado fato, a reação espontânea foi imediata, comprovando a atenção que deram ao tema contado. Após a busca intensa e bem-sucedida de cada grupo, as reações apresentadas foram as mais diversas e inesperadas, comprovando que a técnica de contar histórias, reais ou fictícias, com pessoas confortavelmente sentadas no chão, à sombra das árvores, ainda trazem saldos excelentes, principalmente quando tratamos do cuidado com a natureza.

4. AVALIAÇÃO

Com a viabilidade proporcionada pelo Projeto Geociências na Escola para a realização de atividades de extensão e dada a disponibilidade e interesse dos acadêmicos do curso de Engenharia Geológica, pode-se obter resultados positivos. Estes resultados advieram essencialmente das técnicas utilizadas para a interação da equipe executora com os alunos atendidos pelo projeto, oriundos de escolas públicas do município de Pelotas. De um modo geral o público alvo é diversificado, cada escola reflete a característica do bairro em que está sediada. A diversidade da população, no município, é muito grande e, com ela, a cultura e o comportamento que dela sobrevém. É sempre imprevisível o fato de se estabelecer contato com uma escola qualquer, ter seu projeto apreciado e, se considerado interessante e oportuno, aprovado seu desenvolvimento junto aos educandos. Na grande maioria dos casos, apenas educadores das áreas de ciências e geografia demonstram algum interesse e concedem parte do seu tempo para a execução das atividades de extensão. Para os alunos a partir da quinta série do ensino fundamental, a realização de oficinas e atividades educativas com um toque de ludicidade sempre é bem-vinda. Para alunos do nível médio, o foco é mais voltado para a visão profissional do engenheiro geólogo, suas atribuições, requisitos e o caminho a ser percorrido até a sua formação. Sempre que proposto, tem muito boa aceitação. Para séries iniciais, crianças muito pequenas, a atividade é de raríssima ocorrência. Em qualquer das três situações, mas especialmente na última, o desafio da criação de uma didática viável de execução por acadêmicos das ciências exatas é uma barreira quase que intransponível, contando apenas com a sensibilidade de cada participante. O projeto Educando no Parque foi uma experiência extremamente significativa que proporcionou a formação desse vínculo, até então, impensado, com as séries iniciais. Na situação aqui descrita, o que se acreditava ser difícil de ocorrer, aconteceu dentro da maior naturalidade sequer conjecturada. Cativar crianças e contar com a participação delas no decorrer de uma história contada revelou-se o acontecimento mais inusitado dentro de um projeto de extensão de conotação exclusivamente científica. Provavelmente bem mais importante, como resultado, para os executores dessa ação do que para os ouvintes participantes. Utilizada a simples e tradicional forma de transmitir informações através de histórias contadas demonstrou que o contato direto, frente a frente, de indivíduo para indivíduo, em uma atmosfera de aproximação humana, prende a atenção do interlocutor. Pode-se assim comprovar que o ser humano, respeitadas suas

peculiaridades, têm uma grande necessidade de se manter e de se desenvolver em grupo, de trocar informações, de escutar e ser escutado, de participar e ceder espaço ao outro, enfim, de aprender e assimilar esse conhecimento adquirido, para exercer o convívio em sociedade, tendo consciência da sua individualidade e da necessidade de respeitar o direito da individualidade do seu semelhante. A prática de Projetos de Extensão possibilita acadêmicos de graduação proporcionar esse tipo de atividade, transmitir boa parte do conhecimento adquirido e certamente sempre terá acolhida por um bom número de estudantes do ensino Fundamental e Médio. Apesar das atividades de extensão serem imprescindíveis tanto aos profissionais em formação quanto ao público alvo, a execução dos projetos em geral, notadamente o Geociências na Escola, é limitada pela carência de recursos restringindo em muito, a criatividade e liberdade de ação. Para alcançar os objetivos propostos, que são a experiência prática do futuro profissional e o retorno à sociedade, em forma de conhecimento e cultura, as atividades foram realizadas com recursos próprios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRESS, F.; SIEVER, R.; GROTZINGER, J. e JORDAN, T. H. **Para entender a Terra**. Ed. Artmed, 4ª ed. (MENEGAT, R., FERNANDES, L. A. D., FERNANDES, P. C. e PORCHER, C. Tradutores). 2006:656 pp.

GOETZKE, M. Berenice e as histórias para dormir *in* **Era uma vez** Pelotas. Acessado em 14 set. 2017. Online. Disponível em: [https://www.facebook.com/notes/marciele-goetzke-escritora/berenice-e-as-histórias-para-dormir/513398992341807/](https://www.facebook.com/notes/marciele-goetzke-escritora/berenice-e-as-historias-para-dormir/513398992341807/)

SOARES, M. B. (Org.). **A paleontologia na sala de aula**. Acessado em 14 set. 2017. Online. Disponível em: <https://www.paleontologianasaladeaula.com/>